

ARTIGOS

A hora de fazer política

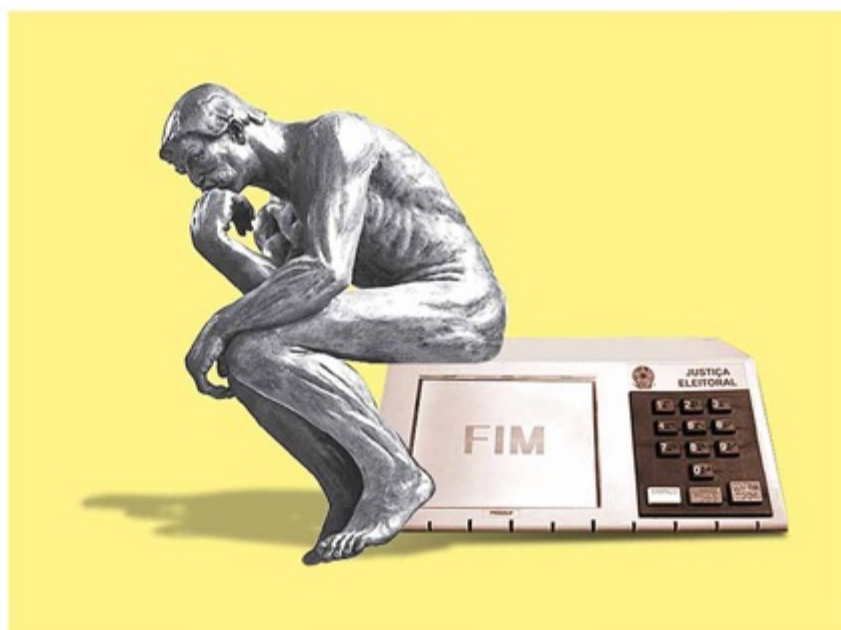


Nelson Vasconcelos
Jornalista

Pelo que aprendi no milênio passado, a democracia pressupõe a existência de direitos e deveres iguais para todos, sem exceções. A julgar pelos abusos que vemos hoje entre os três poderes, me parece que não estamos numa democracia. Mas entendo que tampouco vivemos uma ditadura. Ou seja, estamos num lugar-qualquer. Um limbo. Uma canalhocracia, talvez. O que dói é não saber para onde vamos.

E os palpites não são animadores, porque o resultado prático dessa democracia meia-bomba é o total desinteresse do cidadão pela política. Cada um que se vire, salve-se quem puder, e estamos conversados. Vota-se no menos pior, ou no candidato que mexe com os famosos instintos mais profundos, e não com a razão, a inteligência, a estratégia.

Toda essa conversa veio a propósito de 'Babel', de Ezio Mauro e Zygmunt Bauman (que sempre merece nossa atenção). Segundo eles, a democracia tal qual conhecemos está em crise. E é nesse momento delicado, nesses "tempos de desesperança", que surgem profetas desonestos e falsos salvadores. Tudo a ver com o elenco de políticos eleitos aqui e lá fora.



O problema, aliás, está longe de ser exclusividade nossa. Não por acaso, um componente forte dessa crise da democracia é a tal da globalização, que criou uma inédita interdependência entre os povos de todos os cantos do planeta. Com isso, a soberania dos Estados saiu perdendo. A decisão política ficou atrelada a fatores de atuação global, como o mercado financeiro, com o qual estamos embolados até a alma. No fim das contas, os ganhos ficam concentrados em poucas mãos, e os prejuízos são compartilhados entre todos. A classe média sente isso na carne, no feijão e no arroz. E no emprego — ou na falta dele.

É por essas e por outras que vemos o eleitor cada vez mais desligado da vida política. Como se tor-

nou inócua sua interlocução com o poder, o cidadão se abstém ou até encara a fila e vai votar. Mas é apenas um exercício de paciência em que delega a culpa pelo miserê ao seu candidato. Se este for eleito ou não, tanto faz. Mas o cidadão pensa que já fez sua parte pelos próximos quatro anos e, portanto, não tem culpa no cartório.

Não é bem assim. Agora é que o eleitor deve começar a agir. Agora é a hora de começar a encher a paciência dos eleitos, já de olho no que eles estão preparando quando tomarem posse. Acho até curiosa essa expressão. "Tomar posse" dá o sentido de que o político está levando o cargo para si, exclusivamente em seu nome, e não em nome do coletivo que ele representa. É aí que mora o perigo.